

Reencarnação – uma questão de justiça?

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”. (Friedrich Nietzsche)

Lemos o artigo que leva o título de “*Reencarnação: uma questão de justiça?*”, assinado por Pr. Joel Santana, e publicado no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/reencarnacao-uma-questao-de-justica/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação. Lembramos aos leitores que respondemos a esta obra do pastor “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” e que se encontrará em nossa conclusão o link para baixar toda ela e conhecerem nossa refutação.

10.6. Reencarnação – Uma Questão de Justiça?

Neste subtópico o pastor tentará desabonar a lei natural da reencarnação (Jo 3,12) como um mecanismo de justiça divina aplicada aos seres humanos, como meio de cumprimento da lei de causa e efeito, onde ele tenta, de forma hercúlea, testificar que a reencarnação não é justa e nem mesmo existe a aplicação da lei do retorno. É o que vamos examinar e argumentar que somente através da reencarnação é que é possível haver justiça e, por conseguinte, explicar diversos casos de injustiça aparente. Vejamos as considerações iniciais do pastor.

Os Kardecistas e outros reencarnacionistas geralmente argumentam que por ser Deus imparcial, a reencarnação explica e justifica diversas situações que, doutro modo, seriam inexplicáveis ou provariam que Deus é parcial, pelas seguintes razões (falo com minhas palavras):

1ª) “Se um neném nasce sadio, e outro mongoloide, das duas uma: Ou Deus faz acepção de pessoas, ou esses dois nenéns tiveram uma existência anterior, na qual um fez o bem e o outro fez o mal, sendo agora um recompensado, e o outro castigado”;

Este exemplo do pastor só corrobora o que temos observado à sociedade nos dias atuais, pois bem o sabemos que as limitações físicas estão condicionadas a dois mecanismos, ou por prova, ou por expiação que o espírito está ingressando na vida material vai atravessar. Dessa maneira, Jesus até nos deu o tema sobre as aflições em uma de suas bem-aventuranças, ao qual nos valem de citar o capítulo V da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, onde Kardec nos instrui. Vejamos:

CAPÍTULO V

Bem-aventurados os aflitos

1. Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados. Bem-aventurados os famintos e os sequiosos de justiça, pois que serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois que é deles o Reino dos Céus. (Mateus, 5:4, 6 e 10.)

2. Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o Reino dos Céus. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Ditosos sois, vós que agora chorais, porque rireis. (Lucas, 6:20 e 21.)

Mas ai de vós, ricos! que tendes no mundo a vossa consolação. Ai de vós que estais saciados, porque tereis fome. Ai de vós que agora rides, porque sereis constrangidos a gemer e a chorar. (Lucas, 6:24 e 25.)

Justiça das aflições

3. Somente na vida futura podem efetivar-se as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra. Sem a certeza do futuro, estas máximas seriam um contrassenso; mais ainda: seriam um engodo. Mesmo com essa certeza, dificilmente se compreende a conveniência de sofrer para ser feliz. É, dizem, para se ter maior mérito. Mas, então, pergunta-se: por que sofrem uns mais do que outros? Por que nascem uns na miséria e outros na opulência, sem coisa alguma haverem feito que justifique essas posições? Por que uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? Todavia, o que ainda menos se compreende é que os bens e os males sejam tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; e que os homens virtuosos sofram, ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e infundir paciência, mas não explica essas anomalias, que parecem desmentir a Justiça de Deus. Entretanto, desde que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. *Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa.* Isso o de que cada um deve bem compenetrar-se. Por meio dos ensinamentos de Jesus, Deus pôs os homens na direção dessa causa, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, lhes revela completamente a aludida causa, por meio do *Espiritismo*, isto é, pela *palavra dos Espíritos*. (KARDEC. A. 2019d, p. 79-80)

Como podemos observar a reflexão do codificador, constatamos que são inúmeros os questionamentos, acerca da justiça divina, ante as vicissitudes da vida ao qual estamos todos nós sujeitos a elas, diante de nossos atos pregressos no trato do cumprimento desta mesma lei divina do amor e quando nos afastamos dela, somos corrigidos pela lei de causa e efeito, com a finalidade de voltarmos ao caminho reto. Este é o objetivo da lei divina da reencarnação, expiar erros, provar atitudes e outorgar-

nos virtudes por meio do esforço. Parece-nos que o pastor não teve nenhuma menção a esta bem-aventurança e sabemos o quão dificultoso seria citá-la. Não satisfeito, prossegue o pastor. Vejamos:

2ª) “Deus, por ser justo, estaria, se não houvesse reencarnação, impossibilitado de condenar ou salvar o referido mongoloide, pois este não pode responder pelos seus atos. Como condená-lo por ele não ser um cristão? Ele tem culpa por não ter conseguido assimilar o Cristianismo devido às suas debilidades mentais? Salvá-lo seria também injusto, pois como recompensá-lo pelo bem que ele não fez? Como exigir dos sadios uma carga enorme de boas obras, para que mereçam a salvação, e do mongoloide não exigir nada? Está claro: Seria uma injustiça salvá-lo, bem como condená-lo. A doutrina da reencarnação, porém, explica e resolve esta questão assim: O mongoloide em questão é um espírito imperfeito. Através dessa deficiência ele está expurgando o seu passado e avançando rumo à perfeição, à qual chegará mais cedo ou mais tarde, inevitavelmente”;

Apresentamos três vias de fato que poderão ser a ocorrência desta limitação física, por meio da expiação, prova ou ainda uma missão, ao qual o pastor se prendeu somente à visão tacanha da expiação e que aprofundaremos. Recorreremos mais uma vez em citar o capítulo V da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, onde Kardec continua a nos instruir. Vejamos:

Causas anteriores das aflições

6. Mas se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, **as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo etc.**

Os que nascem nessas condições, certamente nada hão feito na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte, que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que, pois, seres tão desgraçados, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos de todos os modos?

Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma filosofia pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus,

se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para que se vissem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, visto que não hão podido praticar nem o bem, nem o mal?

Todavia, por virtude do axioma segundo o qual *todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa.* Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente.

Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a Justiça de Deus.

O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas.

A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: “Perdoa-me, Senhor, porque pequei.” (KARDEC. A. 2019d, p. 82-83) (grifo nosso)

Com base nesta reflexão do codificador, somente através das vidas sucessivas é que conseguimos abranger a nossa capacidade de enxergar numa existência anterior a causa da aflição que muitos encarnados passam em sua vida presente. Dessa forma, é que entendemos e raciocinamos, que **todo efeito tem uma causa** e neste sentido, a causa da limitação física se relacionando a um ato de uma existência pretérita, é que regula a condição de retorno à lei do amor, através da expiação. Se não for por esta razão é que atribuímos a divindade a injustiça de alguns que nascerem sãos e outros imperfeitos, não tendo justificativa do pastor que satisfação ao questionamento profícuo que porventura virá a ter, já que ele acredita que a alma é criada juntamente com o corpo material, onde não explica a diversidade de pessoas que nascem perfeitas, e outras não, dando a divindade a aceção de pessoas, inevitavelmente. Passemos ao ponto seguinte abordado pelo pastor. Vejamos:

3ª) “Muitos se arrependem de seus pecados na última hora de sua vida, enquanto outros levam toda uma vida de abnegação, resignação e boas

obras. Ora, como dar aos que se convertem no fim da vida, o mesmo Céu a que têm direito os que possuem longas décadas de bons serviços prestados ao próximo?”.

A questão do arrependimento não desabona o tempo em que a pessoa esteve agindo em desacordo com a lei divina do amor, praticando atos para com seus semelhantes de ciúme, inveja, ódio e vingança. O tempo que estas pessoas permanecem nestes comportamentos acabam por contabilizar a intensidade da lei do retorno ao qual estarão colhendo em vida, ou ainda numa vida posterior, resgatando, através da expiação, o significado oportuno da prática da lei de amor e caridade que atenuará suas mazelas morais. Dessa forma, recorreremos mais uma vez em citar o capítulo V da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, onde Kardec continua a nos instruir. Vejamos:

7. Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, **o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos etc.**

Assim se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque considerada tão só do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a Justiça de Deus nunca se interrompe.

Jamais deve o homem olvidar que se acha num mundo inferior, ao qual somente as suas imperfeições o conservam preso. A cada vicissitude, cumpre-lhe lembrar-se de que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, isso não se daria e que só de si depende não voltar a este, trabalhando por se melhorar. (KARDEC. A. 2019d, p. 83-84) (grifo nosso) (grifo nosso)

Como salientamos e destacamos a instrução de Kardec, observamos que somos infligidos em nossas próprias mazelas, a despertar em nós a mudança de atitude, e neste caso as limitações físicas combatem nossas más inclinações e nos recolocam no caminho do bem, que somente através das vidas sucessivas é que compreendemos

com abrangência a lei divina do amor de Deus para com seus filhos desviados. Caso não tenhamos esta visão, cairemos no conceito proposto pelo pastor da condenação dos culpados a estarem eternamente em punição no inferno, não cabendo arrependimento, nem mesmo a reconstrução de equívocos limitados às penas eternas. Esta é a solução por ele sugerida e que a cada dia se encontra em desuso e dissemina cada vez mais o número de incrédulos, que a Doutrina Espírita os traz novamente ao rebanho do Pai. Vamos agora as propostas do pastor em refutar todo nosso conceito de justiça das aflições. Vejamos:

Refutando os argumentos acima, faço constar o que se segue:

A) Em Jo. 9:1-3 está escrito o seguinte: “Passando Jesus, viu um homem que era cego de nascença; e seus discípulos lhe perguntaram: Mestre, que pecado fez este, ou fizeram seus pais para este nascer cego? Respondeu Jesus: Nem foi por pecado que ele fizesse, nem seus pais, mas foi para se manifestarem nele as obras de Deus”. Esta passagem bíblica prova que além do “das duas uma”, hipótese esta sugerida pelos reencarnacionistas, existe a razão que Cristo apresentou;

O pastor se utilizou de um exemplo bíblico que não é muito favorável a unicidade da vida encarnada e recorreremos ao nosso ebook que trata deste tema, a saber [A Torá e a Reencarnação](#). Vejamos:

O Cego de Nascença

Diante da análise de passagens dos evangelhos e da Tanah em que foram abordados os fatos de reencarnação, ou como a essência (ruach), volta novamente em um novo corpo segundo o entendimento dos Judeus. Assim compreendemos que sem a reencarnação, não há como entendermos os fatos e parábolas que exigem um conhecimento profundo e mais amplo. Desta maneira, veremos se realmente não há nenhuma menção à reencarnação na Bíblia como muitos alegam. Estudaremos com alguns exemplos no Evangelho, para assim verificarmos que neste caso do Cego de Nascença, nos aproximamos mais da realidade dos fatos, a fim de que os leitores tirem as suas conclusões. Mediante o que temos apresentado, e assim faremos a análise do Cego de Nascença. Enfim, iniciaremos o aprofundamento no assunto nas linhas abaixo e nossa conclusão deste episódio.

Se levarmos em consideração as únicas possibilidades existentes, em vista das Escrituras, é a de que aquelas pessoas atrelaram o sofrimento do cego à sua conduta ou à conduta de seus pais, em vista da passagem de Ex 20,5-6 já analisada em seus pormenores. Abriremos um parêntese para citar a passagem em análise:

Jo. 9,1-3: Quando ele ia passando, viu um homem que era cego de nascença. Os discípulos perguntaram: **Mestre, quem**

pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?

Jesus respondeu: Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele.

Os Judeus temiam que as consequências dos pecados de seus pais viessem a trazer maldições para suas vidas. Mas como um cego de nascença poderia ter pecado? Se a cegueira fosse “castigo de Deus” pelos pecados daquele homem, onde estaria seu pecado, pois era cego desde quando veio ao mundo? Para ter lógica, somente poderia ter cometido suas faltas em uma existência anterior. Fato este que os discípulos acreditavam, pois só assim justificaríamos a pergunta deles para Jesus: Quem pecou para este homem ter nascido cego, foi ele ou seus pais?

Diante do princípio inquestionável da justiça divina de que “*a cada um segundo suas obras*” (Mt 16:27), mencionada pelo Mestre Jesus, pela qual ressalta que ninguém pagará pelo erro do outro, ficando a responsabilidade dos atos atribuída às próprias pessoas que os praticam, e no caso do cego de nascença, não há como atribuir a hereditariedade do pecado, já que ele havia nascido cego e não seguiu os passos dos pais, para como isso se justificar essa suposta tese. Já que para os Judeus a reencarnação fazia parte de suas concepções.

Entendemos que se o Cego de Nascença era responsável por seus atos diante do Senhor (Dt 24:16). Este ato, diante da concepção dos apóstolos ao questionarem Jesus, é de que ele houvera praticado em desacordo com a providência em uma existência anterior.

A resposta de Jesus: “*Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele*”, poderá ser explicada da seguinte forma: diante de tanta ignorância e atraso espiritual daquele povo havia a necessidade de Jesus fazer alguns “milagres” para executar a sua missão, como o fez, no sentido de despertar as criaturas para as verdades do Pai, bem como:

Jo 9,4-5: É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. **Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.**

Assim, com Jesus encarnaram vários espíritos que vieram com a tarefa de auxiliá-lo em sua missão e este homem cego era um deles. Aqueles que Ele escolheu como apóstolos largaram tudo para segui-lo, atendendo ao seu chamado, que funcionou como lembrete do compromisso que assumiram, quando estavam no plano espiritual.

O fato de Cristo não ter negado a reencarnação é lógico, uma vez que entre os discípulos havia a intuição sobre este assunto (Ex 20,5-6), assim como estamos vendo nesta análise. Por que Jesus não negou a reencarnação neste momento? A resposta é lógica mesmo, já que eles acreditavam que a essência (ruach), voltava novamente, mesmo com uma noção inata e de uma forma ainda não muito clara para eles naquele momento. Destarte, se fosse um erro os Judeus acreditarem na

reencarnação, certamente Jesus os repreenderia; mas Jesus não os repreendeu, antes os esclareceu, derrubando, assim, a tese da unicidade da vida terrena, que muitos pregam erroneamente, porque não encontram subsídios nem mesmo na Bíblia para contrariar a crença dos Judeus na reencarnação e as análises que já fizemos.

É lógico admitir que os discípulos considerassem as vidas anteriores, como sofrimento do cego e dá ao texto aquilo que ele afirma categoricamente. É justamente o que o texto diz: *‘Os discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?’* Diante deste questionamento dos Apóstolos, foram sugeridas pelos discípulos duas hipóteses para explicar a cegueira daquele que foi curado: a de que o próprio cego tivesse pecado.

Ou seja, se os apóstolos sugeriram que foi o cego que houvera pecado segundo o entendimento da época, eles acreditavam em reencarnação, pois não poderia o Cego de Nascimento ter pecado sem ter sido numa encarnação anterior. Outra sugestão é a de que seus pais o tivessem feito, mas seus pais eram conhecidos e pelos relatos, estes não eram cegos e nem muito menos pagavam pelos próprios erros, já que estes ainda eram vivos, pelo entendimento dos antirreencarnacionistas não pagaria “até a terceira e quarta geração”? Ademais, por que o cego viria a pagar pelos erros que seus pais haviam cometido, sem ao menos ter a oportunidade de praticá-los, já que houvera nascido cego? O que fica claro é o pensamento de Kardec. Vejamos:

CAPÍTULO XV

Chamaram segunda vez o homem que estivera cego e lhe disseram: Glorifica a Deus; sabemos que esse homem é um pecador. Ele lhes respondeu: Se é um pecador, não sei, tudo o que sei é que estava cego e agora vejo. - Tornaram a perguntar-lhe: Que te fez ele e como te abriu os olhos? - Respondeu o homem: Já vo-lo disse e bem o ouvistes; por que quereis ouvi-lo segunda vez? Será que queirais tornar-vos seus discípulos? – Ao que eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: Sê tu seu discípulo; quanto a nós, somos discípulos de Moisés. - Sabemos que Deus falou a Moisés, ao passo que este não sabemos donde saiu.

O homem lhes respondeu: É de espantar que não saibais donde ele é e que ele me tenha aberto os olhos. – Ora, sabemos que Deus não exalça os pecadores; mas, àquele que o honre e faça a sua vontade, a esse Deus exalça. – Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. – Se esse homem não fosse um enviado de Deus, nada poderia fazer de tudo o que tem feito.

Disseram-lhe os fariseus: Tu és todo pecado, desde o ventre de tua mãe, e queres ensinar-nos a nós? E o expulsaram. (S.

João, cap. IX, vv. 1 a 34.)

25. – Esta narrativa, tão simples e singela, traz em si evidente o cunho da veracidade. Nada aí há de fantasista, nem de maravilhoso. É uma cena da vida real apanhada em flagrante. A linguagem do cego é exatamente a desses homens simples, nos quais o bom-senso supre a falta de saber e que retrucam com bonomia aos argumentos de seus adversários, expendendo razões a que não faltam justeza, nem oportunidade. O tom dos fariseus, por outro lado, é o dos orgulhosos que nada admitem acima de suas inteligências e que se enchem de indignação à só ideia de que um homem do povo lhes possa fazer observações. Afora a cor local dos nomes, dir-se-ia ser do nosso tempo o fato.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja. Era uma espécie de excomunhão. Os espíritas, cuja doutrina é a do Cristo de acordo com o progresso das luzes atuais, são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o Messias. Excomungando-os, a Igreja os põe fora de seu seio, como fizeram os escribas e os fariseus com os seguidores do Cristo. Assim, aí está um homem que é expulso porque não pode admitir seja um possesso do demônio aquele que o curara e porque rende graças a Deus pela sua cura!

Não é o que fazem com os espíritas? Obter dos Espíritos salutareis conselhos, a reconciliação com Deus e com o bem, curas, tudo isso é obra do diabo e sobre os que isso conseguem lança-se anátema. Não se têm visto padres declararem, do alto do púlpito, que é melhor uma pessoa conservar-se incrédula do que recobrar a fé por meio do Espiritismo? Não há os que dizem a doentes que estes não deviam ter procurado curar-se com os espíritas que possuem esse dom, porque esse dom é satânico? Não há os que pregam que os necessitados não devem aceitar o pão que os espíritas distribuem, por ser do diabo esse pão? Que outra coisa diziam ou faziam os padres judeus e os fariseus? Aliás, fomos avisados de que tudo hoje tem que se passar como ao tempo do Cristo.

A pergunta dos discípulos: Foi algum pecado deste homem que deu causa a que ele nascesse cego? Revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior, pois, do contrário, ela careceria de sentido, visto que um pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de nascença, se cometido antes do nascimento, portanto, numa existência anterior. Se Jesus considerasse falsa semelhante ideia, ter-lhes-ia dito: “Como houvera este homem podido pecar antes de ter nascido?” **Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego, não por ter pecado, mas para que nele se patenteasse o poder**

de Deus, isto é, para que servisse de instrumento a uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, era uma provação apropriada ao progresso daquele Espírito, porquanto Deus, que é justo, não lhe imporia um sofrimento sem utilidade.

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita de saliva e terra nenhuma virtude podia encerrar, a não ser pela ação do fluido curativo de que fora impregnada. É assim que as mais insignificantes substâncias, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou, se quiserem, de reservatório. (KARDEC, A. p. 324-326, grifo nosso)

Assim, é uma constatação de Kardec, com pleno amparo nas Escrituras. Jesus entendia a mentalidade da época, de que os judeus ligavam o sofrimento de uma pessoa aos da própria pessoa em vida ou dos atos de seus ascendentes, sendo esta, uma consequência que foi negada por Ezequiel (Ez 18,20), ou seja, todos pagam pelos seus próprios pecados.

Contudo, há a inferência ao questionamento dos discípulos com relação à expiação dos pecados também pelo cego. Com isso, leva-nos a crer que a possibilidade de um cego de nascença vir a pecar é inteiramente lógica ao que reza o texto:

Jo 9,2: Os discípulos perguntaram: **Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?**

Diante esta passagem do Cego de Nascença, é certo de que seus pais não confessaram que fora Jesus que houve curado o próprio filho, com medo de serem expulsos da sinagoga (Jo 9:22). Antes fica evidenciada a intrepidez do Cego de Nascença que pela sua prova enfrenta os Sacerdotes do Templo, bem como podemos ver:

Jo 9,27: Ele lhes respondeu: Já vô-lo disse, e não atendestes; por que quereis ouvir outra vez? Porventura, quereis vós também tornar-vos seus discípulos?

Sendo ele até mesmo expulso da Sinagoga. A análise deste exemplo do Cego de Nascença, com a ênfase dos Apóstolos, acerca da crença na reencarnação, bem como de que os Judeus também acreditavam. O que nos leva a crer que nesta passagem, o Cego de Nascença veio a contrair a sua deficiência por prova e não por expiação, como alegavam os discípulos. Este era o equívoco que Jesus os esclareceu. (FERRARI. T. T. 2021, p. 138-147)

Fim da citação

Como bem fundamentamos nossa tese, acerca da justiça da reencarnação, a citação do pastor sobre o cego de nascença acaba por conceituar a reencarnação como

entendimento dos judeus no período intertestamentário e que parece ser desconhecido pelo pastor este fundamento, ao qual os judeus acreditavam que na época de Jesus, que as limitações físicas estavam atreladas a lei de causa e efeito de vidas progressas, ou por uma má interpretação, estes pecados serem passados pelos pais aos seus filhos (Ex 20,5-6) e que sugerimos o nosso e-book *A Torá e a Reencarnação* como maior aprofundamento deste tema. Passemos ao ponto seguinte abordado pelo pastor. Vejamos:

B) Quanto à alegação de que é injusto salvar ou condenar os dementes, respondo que este argumento é um contrassenso, porquanto estas duas coisas não podem existir ao mesmo tempo, pois sempre que é justo condenar a uma pessoa, é injusto absolvê-la; e sempre que é injusto absolvê-la, é justo condená-la. Logo, a salvação ou a condenação de qualquer débil mental pode ser um problema para o homem, não para Deus, que sabe o que é justo, e o que não o é;

Dentro do senso de justiça do pastor, é lícito condenar, ou não, uma pessoa que possui uma deficiência física. Dessa maneira, ele descarta toda a nossa fundamentação e cria seu próprio juízo de valor para absolver, ou condenar uma pessoa com limitação. Vamos hipoteticamente colocar uma pessoa com limitação psicológica condenada pelo criador, pois segundo o pastor, isso é possível. Chegando esta pessoa que possui restrições no plano espiritual, tiveram pais que o amou incondicionalmente, mas por alguma razão Deus o condenou ao inferno. Diante da divindade, estes pais que amaram aquele rebento, questionam este mesmo Deus que condenou seu filho que seria algo injusto, mas Deus assevera que diante do seu juízo, ele estaria condenado.

Dentro deste axioma, os pais daquele filho foram mais amorosos que o próprio Deus, onde assim, diante deste raciocínio, o pastor coloca o amor de Deus inferior ao amor dos pais deste filho limitado fisicamente. Olhando por este prisma, fica pulverizado o argumento do pastor e mais uma vez enaltecida a lei natural da reencarnação que deu a um ser com limitações físicas, a capacidade de conhecer o amor que desprezara na vida anterior, através da exemplificação de seus pais terrenos, elevando assim, o amor divino ao patamar superior que o Espiritismo o coloca, onde nos faz entender o objetivo da expiação e do conceito das vidas sucessivas. Dessa forma, mais uma incoerência do pastor fica evidenciada! Passemos ao ponto seguinte abordado por ele. Vejamos:

C) Certamente, dependendo do grau de deficiência, os dementes não serão condenados, mas não me atazano com isso, pois a causa está nas mãos d'Aquele que sabe o que faz: Jesus. Não nos preocupemos com isso, pois essa tarefa não nos será confiada no Dia do Juízo Final; fiquem

calmos, ó kardecistas, pois já está tudo sob controle: Jesus será o Juiz;

Mais uma divagação vazia do pastor que fala muito e diz muito pouco. Diante do exemplo que demos acima, de deficientes que serão condenados na visão do pastor, este seu novo desprezo à reencarnação coloca seu juízo de valor bem abaixo do que ele deveria ser ao se tratar do julgamento de uma pessoa que requer o maior cuidado possível, despertando o amor que antes negligenciara em vidas passadas. Este conceito pode ser ignorado pelo pastor, mas nós o fizemos evidente para que os leitores possam ver onde se encontra a justiça, e onde está enraizado a incoerência, que para condenar a reencarnação, é capaz de tudo, inclusive condenar que não pode ter completa ciência de seus atos, devido às limitações que a própria natureza lhe impôs. Dessa forma, recorreremos mais uma vez em citar o capítulo V da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, onde Kardec continua a nos instruir. Vejamos:

8. As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos *penitentes*, porém, desejosos de reparar o mal que hajam feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente. Tal o caso de um que, havendo desempenhado mal sua tarefa, pede lha deixem recomeçar, para não perder o fruto de seu trabalho. As tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que recebe nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, faculta ao homem reparar seus erros e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta. (KARDEC. A. 2019d, p. 84)

Está ficando cada vez mais complexo ao pastor defender a unicidade da vida, pois não está oferecendo um embasamento de sua tese que a reencarnação é injusta aos seus olhos, mas ele não para por aí, vai além. Vejamos:

D) Deus não precisa submeter os dementes a um processo de reencarnação para salvá-los, pois dispõe de um recurso melhor, a saber, o sangue de Jesus. Se um demente teve razões justas para não se converter à fé cristã, Cristo tomará a dianteira e o defenderá, usando como argumento em seu favor, o Seu sacrifício expiatório, efetuado em prol de toda a humanidade, inclusive dos débeis mentais (2 Co 5:14,15);

Agora o pastor já vai mudando de opinião quanto a absolvição dos que possuem uma limitação psicológica e neste caso ele até pinça o texto de (2Co 5,14-15) como se corroborasse a tese de que os deficientes estão salvos. Já desenvolvemos a questão da salvação e das obras. Colocamos que cada um será julgado pelas suas obras e

diante disso, não há brecha que seremos julgados segundo a nossa fé. Voltando a questão citada pelo pastor, o contexto de Paulo é diverso, e trata em seu contexto, **do exercício do ministério apostólico** (2Co 5,11-21). O verso áureo “**Se alguém está em Cristo, é nova criatura.** (v..17)” acaba por dinamitar o conceito trazido pelo pastor, pois como poderá uma pessoa que é limitada psicologicamente ser nova criatura, se não possui juízo de valor ante suas ações? Cremos que o pastor não examinou o contexto e acabou lançando mão de uma argumentação que demoveu suas convicções e pulverizou seus argumentos, sem que fizéssemos muito esforço exegético. Mas o pastor não para por aí, e continua com sua ortodoxia. Vejamos:

E) Realmente, o fato de uma pessoa nascer com deficiências físicas, não constitui prova cabal de que ela está sofrendo as consequências dos supostos males praticados na encarnação anterior, pois há outras razões para isso. O autor destas linhas já viu bois, cavalos, cabritos etc., aleijados de nascença.

Será que estes também estão expiando os pecados praticados nas encarnações anteriores? Lembremo-nos que a natureza está amaldiçoada (Gn 3:17; Rm 8:19-23); e agora, só nos resta aguentarmos o rojão até que a redenção do nosso corpo, bem como a de todo o Universo, se concretize (Rm 8:23). Esta redenção é possível, mediante o sangue de Jesus (Ef 1:7).

Argumentamos acima do fato do cego de nascença e corroboramos nossa tese de que os judeus acreditavam da punição das iniquidades dos pais sobre os filhos, sobre terceiras e quartas gerações, como ato equitativo à justiça divina exarada no decálogo (Ex 20,5-6). Basta os leitores e o pastor recorrerem ao nosso ebook *A Torá e a Reencarnação* que testificarão este nosso conceito, perceber traduções tendenciosas e concluir que a reencarnação é um dogma judeu, de acordo com a própria literatura judaica. Neste interim, o pastor lança mão novamente de textos pinçados, tal qual a natureza amaldiçoada (Gn 3,17; Rm 8,19-23). Diante do contexto de (Gn 3,1-24) trata de forma simbólica **o relato do paraíso** que recorreremos novamente ao codificador para nos abrilhantar este conceito na obra **A Gênese**, capítulo XII, sobre o tema, *Gênese mosaica – A perda do paraíso*. Vejamos:

23. Entretanto, o que constitui para a Teologia um beco sem saída, o Espiritismo o explica sem dificuldade e de maneira racional, pela anterioridade da alma e pela pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva já tivessem vivido e tudo logo se justifica: Deus não lhes fala como as crianças, mas como a seres em estado de o compreenderem e que o compreendem, prova evidente de que ambos

trazem aquisições anteriormente realizadas. Admitamos, ademais, que hajam vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituía o do corpo; que, por se haverem rebelado contra a Lei de Deus, figurada na desobediência, tenham sido afastados de lá e exilados, por punição, para a Terra, onde o homem, pela natureza do globo, é constrangido a um trabalho corporal e reconheceremos que a Deus assistia razão para lhes dizer: “No mundo onde, daqui em diante, ides viver, cultivareis a terra e dela tirareis o alimento, com o suor da vossa frente”; e, à mulher: “Parirás com dor”, porque tal é a condição desse mundo. (Cap. XI, item 31 e seguintes.)

O paraíso terrestre, cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra, era, por conseguinte, a figura do mundo ditoso, onde vivera Adão, ou, antes, a raça dos Espíritos que ele personifica. **A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes do mundo terráqueo e a mudança de situação foi a consequência da expulsão.** O anjo que, empunhando uma espada flamejante, veda a entrada do paraíso simboliza a impossibilidade em que se acham os Espíritos dos mundos inferiores, de penetrar nos mundos superiores, antes que o mereçam pela sua depuração. (Veja-se, adiante, o cap. XIV, itens 8 e seguintes.) (KARDEC. A. 2019a, p.225-226) (grifo nosso)

A interpretação dada por Kardec acerca da perda do paraíso é deveras longa e não temos espaço suficiente para reproduzi-la, cabendo-nos apenas um trecho que vai direto ao ponto abordado pelo pastor e que destacamos. Outra referência do pastor está no texto de (Rm 8,19-23) que em seu contexto (Rm 8,18-27) trata do tema **destinados a glória** que Paulo relata a revelação espiritual que ainda desconhecem. Ainda sobre as pinçadas do pastor de textos isolados, percebemos que ele volta novamente ao tema transubstanciação que já tratamos anteriormente, quando cita (Ef 1,7), dentro do contexto (Ef 1,3-14) que trata do tema **o plano divino da salvação e da Igreja**, onde tratamos à saciedade sobre a teologia do sangue de Cristo que em nada desabona a crença no período intertestamentário na reencarnação. Passemos adiante na argumentação seguinte do pastor. Vejamos:

Muitos dos que hoje seriam paráliticos, são pessoas normais, graças à vacina poliomielite que erradicou a paralisia infantil do Brasil e em outros países. Logo, se a vida presente fosse o carma da anterior, poderíamos dizer que os cientistas foram mais fortes do que Deus, visto que os que Ele pretendia submeter às deficiências físicas para expiarem seus pecados, se livraram de tais punições com a ajuda da Ciência. Será que o homem pode mais do que Deus?

O progresso da ciência é capaz de trazer menos sofrimento ao ser humano e

certamente Deus habilitou o intelecto da humanidade justamente para lhe facultar a possibilidade de diminuir suas dores. Concomitante a este progresso inevitável da humanidade, percebemos que o Criador sempre terá meios pedagógicos de ensinar almas renitentes no erro, mesmo que seja por outros meios. Vimos, entretanto, que não era necessário a ciência progredir nos tempos de Jesus e prover a cura, o próprio Mestre o fazia gratuitamente quando visse que o tempo de expiação do homem paraplégico chegara ao fim. Dessa forma, citaremos outro exemplo em nosso ebook [A Torá e a Reencarnação](#) que trata da expiação de faltas em vidas anteriores. Vejamos o exemplo do homem coxo.

O Homem coxo

Diante do que demonstramos anteriormente. Adentraremos na análise do Homem Coxo que denota uma expiação, diferentemente do cego de nascença que era por motivo de prova. Segue a narrativa de que:

Jo 5,5: Estava ali um homem enfermo havia uns 38 anos.

Não sabemos se o homem havia nascido coxo, ou adquirido a paralisia de suas pernas na infância, para determinar se este estaria numa expiação, ou numa prova pela sua própria escolha antes de reencarnar, o mais provável é a segunda hipótese. Veremos que quando Jesus curou este homem, assim se sucedeu que:

Jo 5,14: Depois Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: **Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior.**

Se o homem adquiriu a sua enfermidade, esta poderia ser certamente o fruto de suas atitudes em desacordo com a providência divina numa encarnação anterior, conforme a advertência de Jesus para que não peques mais, a fim de que não te suceda alguma coisa pior, uma vez que, quando da sua infância, não teve nenhuma possibilidade de fazer algo contras à justiça divina. Uma coisa é certa, a enfermidade do Cego de Nascimento foi por prova, enquanto por este relato do Homem Coxo, certamente foi por expiação de um ato praticado numa encarnação anterior, podendo ocorrer algo ainda mais grave numa encarnação posterior, conforme o alertara Jesus dizendo que não pecasse mais '*para que lhe sucedessem coisa pior*'.

Se Jesus advertiu o paraplégico para que não pecasse mais, é porque ele estava ali purgando seus pecados anteriores. Caso voltasse a pecar teria que voltar, e em situação pior. O espírito pode reencarnar várias vezes, depende do que ele fez em cada encarnação de bom ou ruim gozará ou sofrerá as consequências de suas próprias ações. O maior exemplo disso está na citação de Jesus:

Mt 5,26: Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceutil.

Esta passagem se encontra também em Lc 12,59. Enquanto continuar pecando continuará voltando para resgatar as faltas e com isso progredir. Para os que não acreditam na visão da Cabala, o Tanah apresenta várias referências sobre a Reencarnação, como, por exemplo, no Gênesis, numa tradução fiel ao hebraico no capítulo 15,15-16 que já apresentamos.

É importante ressaltar aos estimados leitores que a doutrina da reencarnação, também conhecida como *transmigração das almas* ou *Gilgul Neshamot*, é uma parte integrante e bastante bem documentada do Judaísmo. A doutrina é amplamente explicada no Zohar e posteriormente pelo rabino Isaac Luria no livro Shaar Ha'Gilgulim (Os Portais das Reencarnações), escrito em meados do século XVI.

Com base nos exemplos citados, achamos interessante compartilhar com o tema expiação e provas dentro da visão dos rabinos judeus conforme o que encontramos no Talmud Babilônico. Vejamos:

Haolam habá? Dichtiv “Ki ner mitsvá veTorá or vederech chaim tochehot mussar”. [E o Mundo Vindouro? Com que base afirmamos que, através de sofrimentos, é dado ao povo de Yisrael? Pois está escrito: “Porque o mandamento é uma vela, e a Torá uma luz; e as repreensões da disciplina são o caminho da vida” (Mishlei 6:23). Ou seja, as representações deste mundo são o caminho da vida eterna, no Mundo Vindouro.]

Tanei Taná camei deRabi Yochanan: Cól haossec baTorá uvigemilut chassadim [Ensinou esta beraitá um *Taná*, cujo nome não é lembrado diante de Rabi Yochanan: Todo aquele que se ocupa do estudo da *Torá* e de atos de *guemilut chassadim* (generosidade e caridade).]

Vecover et banav – mochalim ló al cól avonotav. [e enterra seus filhos, quer dizer, em vida os vê partir – tem todos os seus pecados perdoados] ***Amar lei Rabi Yochanan: bishlama Torá uguemilut chassadim, dichtiv “bechessed veemet yechupar avon”; ‘chessed’ zó guemilut chassadim sheneemar: “rodef tsedacá vachessed imtsá chayim tsedacá vechavod”. ‘emet’ zó Torá, sheneemar “Emet kené veal timcór”.*** [Disse-lhe Rabi Yochanan: Digamos que *Torá* e atos de *guemilut chassadim* sirvam para perdoar os pecados do homem, pois isto podemos concluir a partir do que está escrito: “Pela caridade (*chessed*) e pela verdade (*emet*) expiase a iniquidade” (Mishlei 16:6). ‘*Chessed*’ se refere a *guemilut chassadim* (atos de bondade e caridade), pois está dito²⁸: “Aquele que persegue a caridade e a bondade (*chessed*) achará vida, a justiça e a honra” (Mishlei 21:21). E ‘*emet*’ (verdade) se refere a *Torá*, pois está dito: “Compra a verdade, e não a vendas” (Mishlei 23:23).] ***Ela cover et banav, mináin? Taná lei hahu sava mishnum Rabi Shimon ben Yochai: Atia***

**'avon' ketiv hacha: "bechessed' veemet yechupar avon"
uchtiv hatam: "umeshalem avon avot al cheic beneihem".**

[Mas, que aquele que enterra seus filhos tem seus pecados perdoados, de onde aprendemos? Ensinou-lhe (a Rabi Yochanan) o *Taná*, um idoso, cujo nome não é lembrado, em nome de Rabi Shimon ben Yochai: este aprendizado vem de uma guezerá shavá (que aprendemos de comparação de palavras iguais) 'iniquidade' e 'iniquidade', pois está escrito aqui: "Pela caridade (*chessed*) e pela verdade (*emet*) expia-se a iniquidade (*avon*)" (Mishlei 16:6), e lá, em outro lugar, está escrito: "E paga a iniquidade dos pais ao seio dos filhos" (Yirmiyahu 32:18). Pois o versículo utilizado por Rabi Yochanan para demonstrar que *Torá* e *Guemilut Chassadim* perdoaram os pecados do homem nos remete, através do termo 'iniquidade' (*avon*), a este outro versículo que faz referência aos pecados dos pais serem pagos pelos filhos.]

Amar Rabi Yochanan: neg'im uvanim einan yissurin shel ohavá. [Disse Rabi Yochanan: manchas de lepra (Nega'im) e filhos (enterrados pelos pais) não são sofrimentos que resultam do amor Divino.] **unegaím ló? Vehatania: cól mi sheiesh bó e Chad mearbá marot negaim halabu – einan ela mizbach capará!** [A *Guemará* questiona: A lepra não é enviada por amor? Mas nos é ensinado em uma *beraitá*: todo aquele que é marcado por um desses quatro tipos de mancha leprosa (que aprendemos a partir do que está descrito em Levítico 13) – não é senão um altar de expiação!] Mizbach capará havu, issurin shel ahavá lá havu. [Para resolver essa contradição, podemos dizer que as manchas de lepra são um altar de expiação, pois perdoam os pecados do homem, mas não são sofrimentos enviados por amor.] **Vei baeit eima: Há lan veha lehu.** [E se quiser, podemos dizer: este ('altar de expiação') vale para nós, na Babilônia e este ('sofrimentos de amor') vale para eles, na Terra de Yisrael. Pois, fora da Terra de Yisrael, as pessoas não se preocupam com as leis de pureza e impureza. Portanto, aquele que é afligido pela lepra na Babilônia segue vivendo entre os seus, mas, em Ysrael, o leproso é obrigado a isolar-se, o que faz com que sua agonia desperte o amor de Deus.] **Vei baeit eima: há betsiná, há befarhessia.** [E se quiser, podemos também dizer: este ('altar de expiação') vale para pessoas afligidas por manchas em lugares escondidos do corpo, que ficam cobertos pela roupa, e este ('sofrimentos de amor') vale para pessoas que recebem manchas em lugares expostos, onde todos podem ver, aumentando sua amargura e fazendo com que seu sofrimento desperte o amor Divino.] **Uvanin lo? Heich damê? lleima dehavu lehu umetu – vena amar Rabi Yochanan: dein garmá dassiraá bir.** [A *Guemará* segue questionando as palavras de Rabi Yochanan: E os filhos

(quando são enterrados por seus pais) não são um sofrimento de amor? Como assim? Se dissermos que se trata de alguém que tinha filhos e faleceram – o próprio Rabi Yochanan nos traz uma evidência de que este é um sofrimento de amor! Pois Rabi Yochanan costumava levar consigo um pedaço de osso²⁹ e dizia: este osso é um osso de meu décimo filho. Rabi Yochanan tinha 10 filhos que morreram ainda durante sua vida. O Rashbam (sobre Bava-Batra 116^a) explica que Rabi Yochanan, quando ia consolar algum enlutado, mostrava-lhe este osso e, ao ver o sofrimento que Rabi Yochanan superou, o enlutado se sentia mais confortado. Se Rabi Yochanan, que é um homem tão grande e elevado, recebeu este sofrimento, devemos concluir que é um sofrimento resultado de amor divino (Rashi).] ***Ela, há delo havu lei kelal, veva dehavu lei umetu.*** [Então porque Rabi Yochanan disse que a perda de um filho não um sofrimento proveniente do amor Divino? Mas, somos obrigados a concluir que este (que não é sofrimento resultado de amor) se refere à dor de quem é desprovido de filhos, e este (que é um sofrimento derivado de amor) se refere à aflição daquele que teve um filho e o perdeu.]

28 – É interessante notar que, em princípio, não precisamos do segundo versículo (Mishlei 21:21) para provar que ‘*chessed*’ se refere a *Guemilut Chassadim*, pois esta conexão parece óbvia e implícita. Porque então a Guemará precisou mencionar este segundo trecho? O Rabino Ioshyiahu Pinto, conhecido como Riaf (Síria 1565-1648), entende que a *Guemará* aqui se refere a atos de bondade que o homem pratica e não à caridade (*tsedacá*) realizada com dinheiro. Pois o texto da *Guemará* se refere àquele que se ocupa (*ossec*) de ‘*Guemilut chassadim*’, se o texto aludisse à caridade, utilizaria o termo “faz *Guemilut Chassadim*” e não “se ocupa de”. Portanto, o segundo versículo, que menciona explicitamente ‘*tsedacá*’ e ‘*chessed*’, vem provar que são duas virtudes diferentes, e ‘*chessed*’ na *Guemará* se refere à *Guemilut Chassadim* e não a *tsedacá*. O *Éts Yossef* entende o contrário. Em sua opinião, a palavra ‘*chessed*’ é precedida pelo termo ‘*tsedacá*’ (caridade) indicando uma relação entre as duas virtudes e, portanto, quando a *Guemará* menciona *Guemilut Chassadim* se refere, principalmente, à caridade que um homem faz com seu dinheiro.

29 – É curioso que Rabi Yochanan leve consigo um osso, pois partes de um cadáver são uma fonte de impureza. Portanto, o Rivtá explica que não se trata de um osso, mas de um dente. Rashi explica que o osso que ele carregava era muito pequeno e, portanto, não pode ser considerado como fonte de *tumá* (impureza) (TALMUD BAVLI – BERACHOT, Capítulo 1-3, p.

34-37, grifo no original)

O que depreendemos com o relato do homem coxo em paralelo ao que foi exposto no Talmud Babilônico é que as doenças, tal como a paralisia e a lepra, são formas de expiação que visam à purificação do ser que sofre tais enfermidades, e ainda tem os seus pecados perdoados. Se estas consequências provêm de expiações, certamente que são de vidas pretéritas.

Este pensamento nos leva à velha história de que muitos estão pregando um Deus que castiga, e infinitamente; mas Este nos dá segundo as nossas obras; com isso, “a cada um segundo as suas obras” e se plantarmos ventos, colheremos tempestades, se plantarmos amor, colheremos misericórdia.

Vale ressaltar que não pagamos, apenas colhemos o que plantamos; se, destruirmos, teremos que construir, se amamos, seremos amados e esta é a reta justiça de Deus: **Reencarnação**, nova oportunidade de trabalhar e reconstruir, já que:

Dt 24,16: Não se fará morrer os pais pelo testemunho dos filhos, nem os filhos pelo testemunho dos pais. Cada homem morrerá pelo seu pecado. (TANAH, p. 204)

Cabe ainda lembrar que as passagens amplamente discutidas na Torá, no Tanah e nos Evangelhos confirmam que um ser infinito não pode atingir a prática de um erro infinitamente, sendo este um golpe de morte à ideia das penas eternas. (FERRARI. T. T. 2021, p. 148-156)

Fim da citação

Como podemos observar, este exemplo do homem coxo, ao qual Jesus curou, está em consonância com a Torá e a tradição oral descrita no *Talmud Babilônico*, tratado de *Berachot* ao qual parece-nos que o pastor desconhece e ignora seu conceito. Passemos aos argumentos finais do pastor deste item.

O recurso da Medicina chamado teste do pezinho permite que se detecte precocemente certa anomalia congênita e, por conseguinte, pessoas que seriam débeis mentais estão estudando, trabalhando, etc. Estaria a Ciência contra Deus, bem como contra nós, impedindo-nos de nos quitarmos logo para com a justiça Divina e alcançarmos sem delonga, os mundos melhores dos quais falou Kardec? Logo, o slogan dos Kardecistas, constantes dos adesivos que frequentemente afixam nos seus carros, segundo o qual “O acaso não existe: leia Kardec”, embora não esteja errado, visto que realmente não há efeito sem causa, salta aos olhos que nem tudo pode ser espiritualizado, já que há o lado natural das coisas. A natureza está amaldiçoada, como já fiz constar acima. Além disso, de certo modo o acaso existe sim. Segundo Jesus, foi ocasional (ou por acaso) que um sacerdote descia de Jerusalém para Jericó: “E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote...” ((Lc

10.31). Sim, as coisas não são como Kardec cogitava. Doutra modo até os cães terão lá seus carmas.

Agora o pastor apegar-se a tese de que a natureza está amaldiçoada e corroborando nosso exemplo mais acima que destacamos o fato dos nascidos com deficiência mental e que estariam condenados ao inferno, segundo o pastor, diante do que o ele mesmo apregoou desde o início deste item. Nós argumentamos que estas limitações ocorrem por três razões, expiação, prova e até mesmo missão. Entretanto, o pastor argumentou que era unicamente uma casualidade natural que decorreria de uma preleção Divina dos que seriam sãos, ou não. Agora muda de postura, dizendo que a ciência avançou e atenua este erro congênito e contradiz a lei de causa e efeito.

Como bem argumentamos anteriormente, a evolução científica está atrelada ao progresso intelectual da humanidade e conforme formos avançando na senda do progresso, iremos nos despir de falhas morais, já que este progresso anda de mãos dadas a evolução científica, onde a humanidade virá no passado suas mazelas, curada de suas enfermidades morais, a menos que o pastor queira continuar a pregar que tais pessoas com limitação mental possam ser condenadas ao inferno, já que não podem “aceitar Jesus” por não terem condições de realizarem juízo de valor de suas atitudes. Este exemplo está mais contra os conceitos do pastor, do que da lei de causa e efeito que mudará a sorte da humanidade que urge o progresso. Acerca das limitações físicas dos animais, ignoraremos esta comparação do pastor, pois a lei que rege estes animais estão atreladas ao instinto e nenhuma lei de causa e efeito os conduz. Comparar humanos aos animais é mais uma tentativa desesperada de contradizer a reencarnação.

Para dar um embasamento a sua tese da casualidade, ele pinça novamente um texto bíblico para lhe dar suporte (Lc 10,31) que está dentro do contexto da **parábola do bom samaritano** (Lc 10,1-44) que é justamente exaltado pelo mestre às boas obras realizadas por pessoas desprezadas que terão condições de merecer o reino de Deus. Mais uma vez, uma citação infeliz e incoerente do pastor, pois ele ignora a Doutrina Espírita, desdenha das atitudes de amor ao próximo praticadas por nós espíritas. Diante deste exemplo que ele lança mão, ele se encontra no rol dos samaritanos, ou sacerdotes e levitas? Que os leitores julguem o valor das atitudes do pastor e obtenham a resposta. Passemos ao item seguinte explanado pelo pastor.

F) Quanto à afirmação de que é injusto salvar os dementes, visto que eles não fazem as obras necessárias à salvação, respondo que esse “argumento” teria lógica, se a salvação fosse pelas obras. Mas como já vimos, a salvação é um presente, e não um galardão. Logo, alicerçado no sangue de Jesus, Deus está livre para estender a Sua mão e salvar

(Is 59:1): as criancinhas (Lc 18:16); os dementes (Is 35:8); àqueles que não ouviram o Evangelho, mas agiram em harmonia com as suas consciências (Rm 2:12-16); e os normais, portadores de discricção que não desfeitearem ao Senhor, rejeitando o seu presente, por julgarem que podem comprá-lo e pagá-lo com seus próprios esforços em sucessivas reencarnações (confere: Jo.3:16; Mc. 16:15,16; E. 2:8,9; Rm. 11:6; etc.);

Observamos que como o pastor não tem saída em resposta às pessoas que nasçam com limitações físicas e mentais, agora ele realiza uma predestinação de que estas pessoas serão salvas, juntamente com as crianças e aqueles que não ouviram o Evangelho. Para isso, ele lança mão de (Is 59,1) abrangendo a mão do Criador a eles salvarem, mediante o sangue de Jesus, assim também as crianças (Lc 18,16), pessoas com distúrbios mentais (Is 35,8) e pasmem, àqueles que não ouviram o Evangelho, mas agiram em harmonia com suas consciências (Rm 2,12-16). Com isso, trataremos ponto a ponto seus argumentos e suas incoerências.

Primeiramente sobre o contexto de (Is 59,1-21) que é o tema **salmo da penitência** que o profeta lança mão aos israelitas e ao fim, se o pastor realmente conhece o contexto, é lançado aos que praticaram a iniquidade (v. 2), a salvação ficou distante (v.11) e, enfim, é lançado o oráculo que estabelecerá a aliança (v. 21). Será que o pastor percebeu que comparou a limitação física a quem pratica a iniquidade, conforme contexto de Isaías (Is 59,1-21)? Certamente que não, pois este texto reforça ainda mais as vidas sucessivas. Continua o pastor que as criancinhas (Lc 18,16) estão salvas. Ocorre que este contexto (Lc 18,15-17) trata em seu tema de **Jesus e as criancinhas**, como que é necessário a inocência delas para receber o reino de Deus (v. 17) em um verso posterior a sua citação. O pastor continua a se enrolar, pois segundo ele em (Is 35,8) as pessoas com limitações físicas estão salvas. Este contexto de Isaías (Is 35,1-10) trata do **triunfo de Jerusalém** que relatam o julgamento pronunciado contra Edom que se opõe às bênçãos de Jerusalém e em nada reforçam a tese do pastor de que os deficientes serão salvos, antes, porém, relatam que os impuros não passarão pelo caminho sagrado (v. 8) se referindo ao povo de Edom, no próprio verso que o pastor citou, mas não refletiu nele e em todo o contexto que a dor e os gemidos de Jerusalém cessarão (v. 10) pelo segundo Isaías.

Por fim, cita o pastor de que os que não ouviram o Evangelho estão salvos (Rm 2:12-16), mas ele estabelece que haverá um parâmetro para esta salvação que é estarem condizentes com suas atitudes. Como, se eles desconhecem o padrão de justiça do Evangelho? Entretanto, o contexto de Paulo (Rm 2,1-16) trata do tema **a ira futura, para todos** que trata os judeus e pagãos como iguais perante a lei, que serão

julgados igualmente diante do Evangelho (v.16), segundo as suas obras (v. 6) omitido pelo pastor, já que segundo Paulo, **Deus não faz acepção de pessoas** (v. 11) também ignorado pelo pastor. Cabe-nos uma reflexão! E aqueles que não souberam do Evangelho? Como serão julgados? Pela fé, ou pelas obras, atitudes? A resposta é sintomática, pelos seus atos e certamente se não possuem um padrão de justiça a seguir, certamente deverá ser considerada as vidas sucessivas para total conhecimento das leis divinas e um julgamento equitativo, senão cairá no conceito do pastor de que serão absolvidos, com dois pesos e duas medidas.

Como bem relatamos, o pastor lança mão de textos que mais reforçam as vidas sucessivas, o conceito de limitações físicas como algo impuro dentro do judaísmo e que não reforçam a narrativa do pastor de que é necessário apenas crer em Jesus que será salvo, destoando de todo o caráter de julgamento ser através das obras, afinal, **será dado a cada um segundo as suas obras** e fomos bem enfáticos a este respeito, que julgamos ser desnecessário voltar a este tema, mas salientamos que a salvação é dom gratuito, segundo Paulo (Ef 2,8-9; Rm 11,16), mas num exame apurado dos Evangelhos, Jesus aponta para outra direção que são a importância das atitudes e obras de amor ao próximo como condição de libertação do orgulho e do egoísmo. Basta conferir o contexto do diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-21) que trata exclusivamente da reencarnação como já fundamentamos e o pastor só pinça (v. 16). Passemos ao ponto seguinte.

G) E, acerca da alegação de que é injusto dar aos que se arrendem na última hora da vida o mesmo Céu a que têm direito os que viveram longas décadas dedicados ao bem, respondo que os que assim se expressam das duas uma: ou ignoram os ensinamentos bíblicos ou não os têm como confiáveis. Sim, pois estas questões já foram tratadas por Aquele que Kardec chamava de Mestre: Jesus. Basta-nos, portanto, ler o capítulo 15 do Evangelho Segundo Lucas e aprendermos com o Mestre. Neste texto o Grande Mestre nos propõe três parábolas: A da dracma perdida, a da ovelha desgarrada e a do filho pródigo. Nestas três parábolas o Grande Mestre nos dá uma lição diametralmente oposta à que nos querem inculcar os reencarnacionistas. Ao invés de a dracma perdida, a ovelha desgarrada e o filho pródigo serem desdenhados, foram alvos de especial atenção, bem como patrocinadores de festas.

Oh! Como os reencarnacionistas precisam aprender com o Grande Mestre! Eles necessitam aprender com o Grande Mestre que Ele é o Grande Salvador, capaz de salvar instantaneamente! Eles precisam aprender que Jesus não perdoa progressivamente!

Esta abordagem é como “um tiro que sai pela culatra”, já que essas referências

depõem contra a própria tese do pastor do inferno eterno e das penas irremissíveis. Segundo ele, após o desencarne, não haverá mais perdão, sendo relegados ao inferno todos infratores da lei do amor. Outrossim, essas parábolas representam justamente o oposto, já que os arrependidos, representados na parábola da dracma perdida (Lc 15,8-10), da ovelha desgarrada (Mt 18,10-14; Lc 15,1-7) e do filho pródigo (Lc 15,11-31). Com isso, observamos que ao Pai é de imenso júbilo quando um de seus filhos se arrepende de seus caminhos e nos parece que o pastor não prestou muita atenção no significado do amor de Deus que não condena, mas está sempre de braços abertos a receber seus filhos transviados pela via do arrependimento.

Remetemos ao pastor a mesma recomendação que nos dirige a se aprofundar nos textos bíblicos com mais afinco, com a finalidade de recomendar aquilo que ignora, cabendo a ele mesmo a régua de julgamento que desconstrói sua linha de raciocínio e justifica nós espíritas que estamos atentos a hermenêutica do texto, sua exegese e principalmente ao seu contexto, que damos sempre muita importância. Para abrilhantarmos nossa argumentação, vamos citar a obra *Parábolas e Ensinos de Jesus* do escritor e expoente espírita Cairbar Schutel (1868-1938) visando dar um maior entendimento ao pastor e demais leitores, orientando que não serão necessárias as citações bíblicas, por já tê-las evidenciado.

PARÁBOLA DA DRACMA PERDIDA

O principal escopo de Jesus, durante toda a sua existência na Terra, foi demonstrar aos homens a Imortalidade da Alma, a Vida Eterna, a bondade, a misericórdia, a solicitude desse Deus, que Ele anunciava, para com todas as suas criaturas.

Nunca o Mestre exigiu de seus discípulos holocaustos e sacrifícios. O que Ele queria é que o amassem, que cressem na sua Palavra e confiassem no Pai, que ele tinha vindo anunciar, Pai criador e zelador de toda a sua criação, de todas as suas obras; que veste os lírios e as açucenas, e alimenta os passarinhos; que procura a ovelha perdida; que recebe o filho pródigo, e que sente grande contentamento quando um de seus filhos para Ele se volta e lhe solicita os benefícios de que necessita para sua ascensão espiritual!

Para bem gravar os Seus ensinamentos na imaginação de seus ouvintes, o Mestre amoroso, sempre que se lhe oferecia ocasião, fazia comparações servindo-se de ocorrências que se verificavam todos os dias, exaltando assim os impecáveis atributos de Deus.

A Parábola da Dracma Perdida, que não passa de um simples episódio, em que Jesus reuniu às exortações que fez certa vez aos publicanos e pecadores, compara Ele a alegria que há no Mundo Espiritual, na presença dos Mentores, quando um pecador se arrepende, com a alegria

que tem uma mulher ao achar 315 réis (uma dracma) (*), que havia perdido!

E faz ver que, pela mesma forma que a mulher, ao perder a dracma, acende a candeia, varre a casa e procura-a diligentemente até achá-la, também Deus emprega todos os meios que sabiamente sugere aos Espíritos seus Mensageiros para encontrar a sua dracma, ou seja o pecador que se perdeu, a fim de ser ele restituído à casa paterna.

O Deus de Jesus, como se vê, é o Deus sábio e benevolente, o Deus amoroso e caritativo, e não o “Deus” pródigo, cioso, vingativo e mau, ensinado pelas religiões humanas, pelos sacerdotes.

É isto que quer a parábola: exaltar a bondade e o amor de Deus, que em nós desperta princípios de sabedoria, para nos aproximarmos do Supremo Senhor.

(*) *Modernamente, a dracma é a unidade monetária da Grécia, dividida em 100 Kepta e cotada a 30 por dólar (1968) (SCHUTEL. C. 2012, p. 142-143)*

Vamos agora a outra parábola, a da ovelha perdida (Mt 18,10-14; Lc 15,1-7) comentada pelo autor Cairbar Schutel (1868-1938) em sua obra [Parábolas e Ensinos de Jesus](#), salientando que não citaremos a passagem bíblica por já tê-la referenciado. Vejamos:

PARÁBOLA DA OVELHA PERDIDA

Esta imaginosa parábola parece ser o solene protesto da má interpretação que os sacerdotes têm dado à palavra do Cristo. Não há muito, escreveu-nos um padre romano ser estultícia negar as penas eternas do Inferno, quando nos Evangelhos encontramos, no mínimo, quinze vezes a confirmação dessa eternidade; e conclui que ela não é ensino da Igreja, mas ensino do próprio Evangelho.

Jesus previa certamente que seus ensinamentos e pensamento íntimo seriam desnaturados pelos homens constituídos em agremiações religiosas, e quis, de certa forma, deixar bem patente aos olhos de todos que Ele não poderia ser Representante de um Deus que, proclamando o amor e a necessidade indispensável do perdão para remissão dos pecados, impusesse, aos filhos por Ele criados, castigos infundáveis, eternos.

A parábola mostra bem claramente que as almas transviadas não ficarão perdidas no labirinto das paixões, nem nas furnas onde medram os abrolhos. Como a ovelha desgarrada, elas serão procuradas, ainda mesmo que seja preciso deixar de cuidar daquelas que atingiram já uma altura considerável, ainda mesmo que as noventa e nove ovelhas fiquem estacionadas num local do monte, os encarregados do rebanho sairão ao campo em procura da que se perdeu.

O Pai não quer a morte do ímpio; não quer a condenação do mau, do

ingrato, do injusto, mas sim a sua regeneração, a sua salvação, a sua vida, a sua felicidade.

Ainda que seja preciso, para a regeneração do Espírito, nascer ele na Terra sem mão ou sem pé entrar na vida manco ou aleijado; ainda que lhe seja preciso renascer no mundo sem os olhos, por causa dos “tropeços”, por causa dos “escândalos”, a sua salvação é tão certa como a da ovelha que se havia perdido e lembrada na parábola, porque todos esses pobres que arrastam o peso da dor, os seus guias e protetores os assistem para conduzi-los ao porto seguro da eterna bonança.

Leitor amigo: quando vos falarem os sacerdotes, de Inferno eterno, perguntai-lhes que relação tem a Parábola da Ovelha Perdida com esse dogma monstruoso, que desnatura e inutiliza todos os atributos divinos. (SCHUTEL. C. 2012, p. 51-52)

Vamos agora a outra parábola, a do filho pródigo (Lc 15,11-31) comentada pelo autor Cairbar Schutel (1868-1938) em sua obra *Parábolas e Ensinos de Jesus*, salientando que não citaremos a passagem bíblica por já tê-la referenciado. Vejamos:

PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

Esta Parábola imaginosa relatada pelo Evangelista Lucas é a doce e melodiosa Palavra de Jesus, dizendo aos homens da bondade sem limites, da caridade infinita de Deus!

Ambas as individualidades que representam o Filho Obediente e o Filho Desobediente simbolizam a Humanidade Terrestre.

O Pai de ambos aqueles filhos, simboliza Deus. Uma pequena, pequeníssima parte da Humanidade personificada no Filho Obediente, se esforça por guardar a Lei Divina e permanece, portanto, na Casa do Pai. A outra parte personifica o Filho Desobediente, que, de posse dos haveres celestiais, dissipa todos esses bens e vive dissolutamente, até chegar ao extremo de ter de comer das alfarrobas que os porcos comem. Esse extremo é que o força a voltar à casa paterna, onde, acolhido com benemerência e conforto, volta a participar das regalias concedidas aos outros filhos.

Em resumo: esta simples alegoria, capaz de ser compreendida por uma criança, demonstra o amparo e a proteção que Deus sempre reserva a todos os seus filhos. Nenhum deles é abandonado pelo Pai Celestial, tenha os pecados que tiver, pratique as faltas que praticar, porque se é verdade que o filho chega a perder a condição de filho, o Pai nunca perde a condição de Pai para com todos, porque todos somos criaturas suas.

Estejam eles onde estiverem, quer no Mundo, quer no Espaço; quer neste planeta, quer em país longínquo, ou seja, noutra planeta, com um corpo de carne ou com um corpo espiritual, o Pai a nenhum despreza, a nenhum abandona, porque nos criou para gozarmos da sua Luz, da sua Glória, do seu Amor!

O Pai Celestial não é o pai da carne e do sangue, pois como disse o Apóstolo: “a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus”; a carne e o sangue são corruptíveis, só o Espírito é incorruptível, só o Espírito permanece eternamente. O Pai Celestial é Espírito, é Deus de Verdade, Deus Vivo, por isso seus filhos também são Espíritos que permanecem na Imortalidade.

A Luz, a Verdade, o Amor não foram criados para os corpos, mas sim para as almas.

Como poderia Deus criar um “filho pródigo”, a não ser para que ele, depois de passar pela experiência dura do mal que praticou, voltar para o seu Criador, e, arrependido, propor o não mais ser perdulário, mas adaptar-se à Vontade Divina, e caminhar para os destinos felizes que lhe estão reservados!

Como poderia Deus criar uma alma ao lado de um Inferno Eterno!

Que pai é esse que produz filhos para mandá-los atormentar para sempre?

A Parábola do Filho Pródigo é a magnificência de Deus e ao mesmo tempo o solene e categórico protesto de Jesus contra a doutrina blasfema, caduca, irracional das penas eternas do Inferno, inventada pelos homens.

Não há sofrimentos eternos, não há dores infindáveis, não há castigos sem fim, porque se os mesmos fossem eternos, Deus não seria justo, sábio e misericordioso.

Há gozos eternos, há prazeres inextinguíveis, há felicidades indestrutíveis por todo o infinito, esplendores por toda a Criação, Amor por toda a Eternidade!

Erguei as vossas vistas para os céus. O que vedes? Um manto estrelado sobre vossas cabeças, chispas luminosas vos cercam de carícias; fulgurações multicores vos atraem para as regiões da felicidade e da luz!

Olhai para baixo, para a terra, para as águas: o que vedes? Essas chispas, essas luzes, essas estrelas, essas cintilações retratadas no espelho das águas, nas carolas das flores, nos tapetes verdejantes dos campos; porque das luzes nascem as cores, são elas que dão colorido às flores, que iluminam os campos, que agitam as águas!

Ó! Homem, onde quer que estejas, se quiseres ver com os olhos do Espírito, verás a bondade e o amor de Deus animando e vivificando o Universo inteiro! Tanto em baixo como em cima, à esquerda como à direita, se abrires os olhos da razão, verás a mesma lei sábia, justa, equitativa, regendo o grão de areia e o gigantesco Sol que se baloiça no Espaço; o infusório que emerge, a gota d’água e o Espírito de Luz, que se eleva sereno às regiões bem-aventuradas da Paz!

A Lei de Deus é igual para todos: não poderia ser boa para o bom e má para o mau; porque tanto o que é bom quanto o que é mau estão sob as

vistas do Supremo Criador, que faz do mau bom, e do bom melhor: pois tudo é criado para glorificar o seu Imaculado Nome!

Não há privilégios nem exclusões para Deus; para todos Ele faz nascer o seu Sol, para todos faz brilhar suas estrelas, para todos deu o dia e a noite; para todos faz descer a chuva!

Quando a criatura humana, num momento de irreflexão se afasta de Deus, e, dissipando os bens que o Criador a todos doou, se entrega a toda sorte de dissoluções, a dor e a miséria, esses terríveis agulhões do Progresso Espiritual ferem rijo a sua alma orgulhosa até que, num momento supremo de angústia, ela possa elevar-se para Deus e deliberar reentrar no caminho da perfectibilidade. É então que, como o Filho Pródigo, o homem transviado, tocado pelo arrependimento, volta-se para o Pai carinhoso e diz: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho...” E Deus, nosso amoroso Criador, que já o havia visto em caminho para dEle se aproximar e rogar, abre àquele filho as portas da regeneração e lhe faculta todas as dádivas, todos os dons necessários para esse grandioso trabalho da perfeição espiritual.

Está escrito no Evangelho que houve um banquete com música e festa à chegada do Filho Pródigo à Casa Paterna. Está escrito mais, que o Pai mandou ver a melhor roupa para vestir o filho que voltou, as melhores sandálias para lhes resguardar os pés e, ainda lhe colocou no dedo um belo anel, tal foi a alegria que teve, e tal é a alegria nos Céus, quando uma alma transviada, para os Céus se volta.

O Pai está sempre pronto a receber o Filho Pródigo, e os Céus estão sempre abertos à sua chegada. Não há falta, por maior que seja, que não se possa reparar; assim como não há nódoa, por mais fixa que pareça, que não se possa apagar.

Tudo se retempera, tudo se corrige, tudo se transforma, do pequeno para o grande, do mau para o bom, das trevas para a luz, do erro para a verdade! Tudo limpa, tudo alveja, tudo reluz ao atrito do fogo sagrado do Progresso, tudo se aperfeiçoa, tudo evolui, todas as almas caminham para Deus!

Eis o que diz o Evangelho, mas o Evangelho de Jesus Cristo, o Evangelho do Amor a Deus e ao próximo.

Completando a Parábola, vemos que o Filho Pródigo recebeu os bens, saiu de casa, esbanjou-os dissolutamente numa vida desregrada. E o que não foi pródigo, o Filho Obediente, por seu turno, enterrou seus bens, como aquele que enterrou o talento da Parábola.

O que diz o Evangelho que o Filho Obediente fez dos bens que possuía?

Ele vivia à custa do Pai, participava de todos os bens que havia em casa, e, com a chegada do irmão, ao ver a festa com que aquele foi recebido, entristeceu-se: cheio de egoísmo, de avareza, revoltou-se contra o Pai!

Infelizmente, é assim está atrasada Humanidade! Ela se compõe de Filhos Pródigos e de Filhos Obedientes, mas estes parecem ser ainda piores que aqueles!

E tanto é verdade o que nos passa pela mente, que, ao concluir a Parábola, o Mestre exalta os pródigos que voltam e censura os obedientes que ficam, não só com os bens que receberam, como, também, com as paixões más de que não se querem despojar!

Mas a Humanidade progride, e este mundo passará a hierarquia mais elevada com a vinda de Espíritos melhores, que nos orientarão para o Bem e o Belo, para a realização total dos nossos destinos! (SCHUTEL. C. 2012, p. 144-150)

Como podemos observar o pastor não buscou autores espíritas que tratam das parábolas por ele citadas e que a interpretaram à luz da Doutrina Espírita e nos repassam o real sentido desses ensinamentos do Cristo que o pastor parece continuar ignorando, mas que, pelo menos, o fazemos conhecer aquilo que ignora. Passemos ao ponto seguinte exarado pelo pastor. Vejamos:

Para enxergarmos a fraude desse argumento, basta considerarmos as seguintes questões acerca do perdão que Jesus nos oferece:

- a) Ele perdoa, ou não perdoa?
- b) O Seu perdão é perfeito ou não é?
- c) O Seu perdão é total ou é parcial?
- d) O Seu perdão é instantâneo ou é progressivo?

Esses questionamentos são até infantis, a se perguntar para nós espíritas, pois quem condena irremissivelmente ao inferno, sem a capacidade de ser perdoado, são os líderes dogmáticos em que o pastor se enquadra. Como pudemos observar anteriormente, é através da reencarnação que é validado uma nova oportunidade dos infratores se reajustarem à lei de amor do Criador, fato este que o pastor não concorda. Agora temos a reencarnação de um lado que é a plena justiça aplicada ao infrator, e do outro lado temos o inferno eterno aos pecadores que o pastor apresenta. Parece-nos que ele mesmo não conseguirá responder as próprias perguntas que nos faz, mas ele vai desenvolver seu raciocínio. Vejamos em seguida:

Se como respostas às perguntas acima, dissermos que o perdão que Jesus nos dá é perfeito, total e instantâneo, não podemos imaginar que Cristo dispense tratamento diferenciado aos Seus perdoados, permitindo a uns livre acesso à Sua Casa (o Céu), e ordenando a outros que aguardem à porta até que os últimos rancores se esvaiam. Logo, os argumentos dos reencarnacionistas só teriam lógica se a salvação fosse

como eles pensam: pelas obras. Mas, como veremos a partir do capítulo XII, a salvação não é pelas obras, e sim, pela graça por meio da fé no sangue de Jesus.

Novamente o pastor entra em conceitos da salvação que é de sua ortodoxia e cartilha de pregação, mas como ele isola apenas uma passagem mal compreendida de Paulo (Ef 2,8-9) e ignora todo o contexto que o próprio apóstolo Paulo pregou e Jesus o havia sancionado nos Evangelhos, de que será dado **a cada um segundo as suas obras**, estamos de mãos dadas com o Mestre e observando aos leitores que tenham nos acompanhado até aqui que a parte que o pastor ignora, é muito maior do que a que ele se agarra como um náufrago, desesperadamente buscando em sua tábua de salvação textos isolados a lhe fundamentar. Sugiro a ele retroceder nos capítulos anteriores que tratamos da questão das expiações do homem coxo, da missão do cego de nascença e da parábola dos bodes e das ovelhas que nos traz o conceito de julgamento através das obras. Voltar a este assunto, seríamos cansativos e prolixos. Vamos ao ponto seguinte.

Diferente de tudo que os kardecistas dizem sobre o perdão, o Grande Mestre nos ensinou no capítulo 15 do Evangelho Segundo Lucas que foram exatamente a dracma recuperada, a ovelha arrebanhada, e o filho que regressou ao lar que motivaram grandes alegrias e até festas. As nove dracmas que nunca se perderam, as noventa e nove ovelhas que sempre se mantiveram sob o cajado do Pastor, e o filho que jamais abandonou o Pai, não causaram tantas emoções. Estas parábolas, sem dúvida não foram contadas para incentivar à prática do mal, mas para encorajar os pecadores ao arrependimento, assegurando-lhes que são bem-vindos ao Reino de Deus, e que quanto à entrada no Céu, o nosso caso é até mais emocionante que o caso dos anjos fiéis que sempre se mantiveram na presença de Deus. Ora, quando (por um exemplo hipotético), um casal constata a morte de um dos seus dez filhos, este traz, obviamente, tristezas que os nove jamais trouxeram; mas, se na hora de sair com o defunto rumo ao cemitério, ele for ressuscitado, seguramente produzirão alegrias que os referidos nove filhos jamais conseguirão produzir, a menos que também morram e sejam ressuscitados.

Como bem destacamos anteriormente, tratando-se das parábolas mencionadas pelo pastor da dracma perdida (Lc 15,8-10), da ovelha desgarrada (Mt 18,10-14; Lc 15,1-7) e do filho pródigo (Lc 15,11-31) tratam todas elas do regresso de pessoas que estiveram distantes da lei de amor do Pai e que através do arrependimento, voltaram ao regaço do Pai, o que nos parece que o pastor não pensa dessa forma, já que para ele que combate a reencarnação, uma vez morrendo em erro, jamais voltariam a

regeneração, uma vez que estariam condenados ao inferno e nem mesmo o seu arrependimento os absolveria. Quando Jesus explanou sobre este conceito, não disse que somente os vivos é que seriam perdoados, mas os líderes religiosos atuais os condenam às penas eternas, já que conceitualmente para eles é preferível condenar os pecadores às penas eternas, do que acreditarem na lei natural da reencarnação, como ferramenta pedagógica de regeneração, através das provas e expiações.

Soa até estranho o pastor exemplificar estas parábolas, como se nós espíritas acreditássemos na impossibilidade de haver mais prazer, por parte do Criador, por aqueles que já se encontram na prática da lei de justiça e caridade do que aqueles que se convertem ao caminho do bem. Causou-nos certo espanto esta colocação do pastor e abriu esta nossa linha de raciocínio que ele condena os pecadores que morrem no pecado, não havendo oportunidade de regeneração destes após a sua morte, mesmo que se arrependam, prefigurando um Deus insensível e tirado a condenar àqueles que mesmo arrependidos, estariam condenados ao inferno. Passemos agora ao ponto seguinte abordado pelo pastor, a continuar sua cartilha condenatória, em combate a justiça da reencarnação, destilando cada vez mais suas incoerências. Vejamos:

Suponhamos que há 20 anos o senhor “A” e o senhor “B” me fizeram uma grave ofensa. Cinco anos após, portanto há 15 anos atrás, o senhor “A” se arrependeu, me pediu perdão e eu o perdoei de todo o meu coração. Suponhamos ainda que há um minuto o senhor “B” também se arrependeu, me pediu perdão e que eu o perdoei da mesma maneira que há 15 anos eu perdoara ao senhor “A”.

Pergunto: Será que eu não estarei sendo incoerente se eu dispensar ao senhor “B” um tratamento diferente do conferido ao senhor “A”? Afinal, eu perdoei a ambos de igual modo ou não perdoei? E podemos, porventura, detectar tamanha discrepância no Grande Mestre? Pensem nisso os kardecistas sinceros!

Para fechar este item, o pastor nos colocou esta exemplificação acima de dois cidadãos, contendo uma temporalidade de infrações que receberam o perdão da parte do Mestre, sendo um de um período mais longínquo e outro mais recente. O que devemos salientar, é que nem um e nem o outro deveria se preocupar, pois o Cristo não estaria ofendido por um e nem por outro, em diferentes tempos, uma vez que o próprio Cristo já os perdoou ambos no ato de desacordo que estiveram para com o Mestre, independentemente do tempo que houvessem pecado. Para o mestre, que em seu íntimo, não há rancor diante do pecado, pois ele não guarda este sentimento e se felicita de igual maneira, ante o arrependimento de ambos, mesmo que sejam em épocas distintas.

Outo ponto que raciocinamos, além deste que Jesus não levaria esta ofensa consigo, uma vez que não guarda rancor da parte de nenhum dos dois infratores, mas que precisamos refletir que o tempo em que continuam no mal caminho, refletem em atitudes em desacordo com a providência e prejudicam mais pessoas num período de tempo que pode ser maior para um, do que para outro e acabam contraindo mais desafetos do que um simples ofendido, que hipoteticamente, pode não ter o mesmo comportamento do Cristo, de não levar em seu coração, o rancor por parte destes infratores. Com isso, se um se arrepende de seus crimes ante a lei de justiça e caridade, antes de outro que perdura mais tempo em praticar tais atitudes, certamente prejudicarão a mais pessoas, do que aquele que se arrependeu anteriormente e se converteu do mal caminho. Parece-nos que o pastor não conseguiu observar seu próprio exemplo por este prisma, colocando-o no rol de mais uma incoerência, ante a interpretação dos atos humanos para com seu semelhante, e os praticados contra o Mestre e o próprio Criador que não levam rancor, por não se sentirem ofendidos, mas que um outro ser humano pode não ter o mesmo comportamento destes. Passemos ao ponto seguinte abordado pelo pastor.

H) Relembro aos reencarnacionistas que não há ninguém melhor do que Deus para saber o que é justo e o que não o é. Logo, deixemos de lorota e aceitemos o dom gratuito que Ele nos está oferecendo através do sangue de Jesus, totalmente à parte de nossos méritos, até porque não os possuímos (Rm 3: 23,24; 6:23; Ef 2: 8,9). A salvação é assim: Ou o pecador a aceita de graça, ou morre sem ela, pois Deus não a vende, mas a dá de graça a quem quiser (Ap 22:17);

O pastor volta novamente com a sua *lorota*, vou usar o mesmo termo que ele nos julgou, pois prega uma salvação gratuita, sem nenhum esforço por parte dos que se convertem ao bom caminho, em domar suas más inclinações que podem perdurar por inúmeras vidas, ao longo de suas encarnações futuras. Entretanto, o pastor nos remete novamente textos bíblicos pinçados de Paulo (Rm 3,23-24; 6,23; Ef 2,8-9) e o livro do Apocalipse (Ap 22,17) que já comentamos anteriormente e não voltaremos neles, por entender que desenvolveremos apenas novas citações e novos argumentos, mas salientamos que Jesus nos disse que será dado **a cada um segundo as suas obras** e se pregamos este conceito, estamos em de acordo com o Evangelho, mas se o pastor continua com sua *lorota* da gratuidade da salvação através da fé, este isola uma passagem de Paulo e sobrepõe ao conceito do Mestre, onde já o esclarecemos anteriormente que o caráter de julgamento é através das obras e não da fé. Passemos ao ponto seguinte, que parece ser o último deste tópico. Vejamos:

I) Nada mais injusto do que infligir uma pena por um erro do qual o condenado nem se lembra. Portanto, teríamos que lembrarmos de nossas encarnações anteriores, bem como de nossos erros então cometidos. Logo, nada mais injusto do que a expiação kardequiana.

Desenvolvemos o conceito da expiação dentro do Judaísmo, através do Talmud Babilônico, tratado de Berachot, em consonância com o exemplo do Homem Coxo e o Cego de Nascimento nos Evangelhos, demonstrando que este conceito das provas e expiações são anteriores à codificação de Kardec, e que o pastor não os estudou a contento. Melhor é termos o esquecimento do passado, que nos permite reatar laços de desafetos das vidas passadas, do que recebermos a chancela de pecado original que outro praticou e nós seremos responsabilizados por um erro que não comentemos, tal qual o conceito do Pecado Original que o pastor concorda, mas torce o nariz, ante erros que cometemos em vidas passadas e suas consequências na vida presente. Seu senso de justiça fala mais alto quando somos condenados por um erro que não praticamos, do que por aqueles que temos a misericórdia de não saber na vida presente. Com isso, traremos a obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, constante no capítulo V que trata do tema *Bem-aventurados os aflitos*. Vejamos:

Esquecimento do passado

11. Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, enterrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido.

Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As

boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações.

Aliás, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Voltando à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado; nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não obsta a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes.

E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação, mas na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, forças novas haure ele nesses instantes de emancipação da alma, se os sabe aproveitar. (KARDEC. A, 2019d, p. 85-86)

Como pudemos observar nesse subtópico, a justiça da reencarnação está bem acima do parâmetro de justiça estabelecido pelo pastor que fez, mais uma vez, saltar aos olhos suas incoerências, que no seu senso de justiça é mais equitativo pagarmos por erro que não cometemos, a saber o Pecado Original de Adão, do que sofrermos a lei de causa e efeito de erros que comentemos em vidas pregressas, vindo a ser reparadas na vida presente, ocultando-nos a sabedoria divina, a fim de que possamos reatar os laços de desafeto do passado. Que os leitores façam juízo de valor, ante nossas abordagens, em resposta às incoerências do pastor. Sigamos adiante no próximo subtópico.

CONCLUSÃO

Procuramos trazer aos leitores uma parte da nossa resposta à obra “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” do Pr Joel Santana, sendo que nossa obra é: ***O Espiritismo e as incoerências de um pastor***. O CACP se utilizou da obra do pastor para publicar em seu site, tendo em vista a sua sistemática em combater a Doutrina Espírita. Aos interessados em conhecer nossa refutação completa, é só clicar ([AQUI](#)) e baixar em nosso site, na ala E-Book's, o conteúdo para apreciação e tirar suas próprias conclusões.



Thiago Toscano Ferrari

Novembro/2021

Referências Bibliográficas:

Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.

KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília-DF: FEB, 2019a.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília-DF: FEB, 2019d.

SCHUTEL. C. **Parábolas e Ensinos de Jesus**. Matão-SP: O Clarim, 2012.

TANAH, Bíblia Hebraica, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2012.

FERRARI. T. T. **A Torá e a Reencarnação**. Vitória-ES. 2021,

<https://apologiaespirita.com.br/a-tora-e-a-reencarnacao/>